

A arte há de ser política

Jaqueline Fernandes, 41 anos, é jornalista, gestora e produtora cultural. Para ela, as marcas que deixa na cena cultural hoje remetem à fase dos 13 aos 17 anos, quando já participava ativamente de rodas de discussões e eventos culturais em Planaltina, movidos pela contestação e já levantando pautas políticas. Nessa fase, no início dos anos 1990, o Movimento Anarcopunk vibrava forte no Distrito Federal e foi dali que ela construiu um primeiro olhar sobre a estrutura da sociedade.

“Organizava shows de amigos do rock e do punk rock. Tínhamos uma carência, como ainda temos, de equipamentos culturais, principalmente nas periferias. Então, nos arrumávamos nos poucos espaços à disposição. Peguei gosto e segui com essa veia voltada para a cultura de classe”, conta Jaqueline.

Atualmente, Jaque está bem mais voltada para a cultura hip hop, com a qual se identificou depois dos 17. O movimento a aproximou de uma pauta mais identitária: “Ainda não havia encontrado esse pertencimento racial. E pude encontrá-lo no hip hop, a partir de grupos e da cena rap que tinha em Planaltina”, lembra.

Aficionada pela área de produção, mais tarde ela une o jornalismo — graduação que escolheu seguir — com divulgação e eventos. Foi a primeira pessoa da família com um diploma, conquistado aos 25 anos. “Hoje, felizmente, temos alguns formados”, celebra. Foi ainda na universidade que começou a estudar sobre América Latina. E, à medida que avança na vivência no curso de comunicação e na cultura hip hop, passa a atuar em projetos culturais, tanto na cobertura como na produção.

Latinidades

Depois, acabou se juntando a outras duas mulheres negras, também produtoras, para criar a Griô Produções: “Quando olhávamos para o DF, a gente não via a representatividade negra nos palcos nem nas contratações, atrás deles. Sabíamos dessa potência, então, passamos a atuar para qualificar o trabalho de artistas negros”. Assim, eles chegariam às grandes plataformas. O grupo começou a fazer filmagens e releases profissionais, agenciar os artistas e vender shows fora de Brasília, a maioria dentro da cena hip hop.

“Até que somente qualificá-los não era suficiente. Justamente por estarmos lidando com racismo, que afasta a presença negra dos palcos e contratações, quisemos criar algo próprio, ir além”, explica. Nasce, então, em 2008, o Festival Latinidades, voltado para a geração de renda e a divulgação de trabalhos de artistas e para promover o Dia da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, comemorado em 25 de junho, data pouco conhecida no Brasil.

Hoje, o grupo é dirigido por 12 mulheres no DF (e outras tanto espalhadas pelo Brasil) e estão organizando a 15ª edição do festival, que vai acontecer em 2022. As últimas duas edições foram feitas de forma on-line. Jaqueline tem grandes expectativas para o retorno do festival a Brasília, também porque, em 2019, ele foi realizado em São Paulo.

O Festival Latinidades virou referência. É um espaço de formação estratégica, tem feira de negócios e espaço literário. Foi criada até uma editora com livros sobre os temas apresentados no festival. Jaqueline diz que o grupo busca um olhar mais sistêmico de como a arte e a cultura são espaço

estratégico de formação e desenvolvimento social. “Conseguimos desenvolver políticas afirmativas na área da cultura e fomentar negócios de mulheres negras na economia criativa”, completa.

A produtora ainda teve experiência do outro lado do negócio. Em 2015, assumiu a Subsecretaria de Cidadania e Diversidade Cultural e pôde ver como a máquina funciona por dentro: “Eu me dei conta de como ainda é distante a política pública na base. Temos pessoas cansadas, que nunca tiveram o apoio do Estado. E alguns poucos insistindo para fazer um trabalho menos hegemônico”.

Por isso, a proposta de Jaque foi dar atenção aos recortes de gênero, raça e pessoas com deficiência, por meio da elaboração de políticas e programas culturais. “Focar em grupos historicamente excluídos. Ajudei a pensar portarias e leis para cultura LGBT, indígenas, também para acessibilidade e culturas tradicionais, como a junina. É premiar os excluídos”, pondera. Assim, ela saiu do interesse de só produzir e foi parte para os estudos na área. Atualmente, presta consultoria para empresas, com curadoria para editais na área da cultura.

Arquivo Pessoal



“Temos pessoas cansadas, que nunca tiveram o apoio do Estado. E alguns poucos insistindo para fazer um trabalho menos hegemônico”

Jaqueline Fernandes, produtora cultural e idealizadora do Festival Latinidades